



**COLÉGIO JOÃO PAULO I – UNIDADE SUL**  
**INTRODUÇÃO A METODOLOGIA CIENTÍFICA 2022**

**TURMA: 9A**

**ANÁLISE DOS ELEMENTOS DA REALIDADE DO  
ESCRITOR NO DESENVOLVIMENTO DAS  
HISTÓRIAS**

Maria Sofia Alves da Cunha

Orientadora: Profa. Dra. Geraldine Alves dos Santos

**Porto Alegre/RS**

**2022**

## RESUMO

### ANÁLISE DOS ELEMENTOS DA REALIDADE DO ESCRITOR NO DESENVOLVIMENTO DAS HISTÓRIAS

Quando alguém lê a história escrita por outra pessoa desconhece as suas motivações e necessidades, mas ela se entrega à leitura de uma maneira tanto consciente quanto inconsciente. Os escritores incorporam elementos tanto pessoais como culturais em suas histórias. Esta pesquisa aborda a necessidade de compreender o processo de criação do escritor. Portanto, o objetivo deste estudo foi analisar as necessidades dos escritores no desenvolvimento das suas histórias. Esta pesquisa teve um desenho metodológico qualitativo, observacional e transversal. Os participantes do estudo foram 30 escritores que fazem parte de grupos de discussão de autores brasileiros. O instrumento foi um questionário aberto, realizado através do *google forms*. Esse questionário abordou aspectos conscientes da introdução de elementos da realidade dos autores na sua criação literária. As respostas foram analisadas pela análise de conteúdo de Bardin. Participaram deste estudo 30 escritores com idade média de 46,17 anos, sendo a idade mínima de 24 anos e a máxima de 62 anos. Em relação ao gênero 11 se identificaram como sendo do feminino, 18 masculinos e 1 apenas como humano. Os resultados demonstraram que os escritores deste estudo colocam em seus personagens mais do que apenas identificações. Transferem para eles algumas de suas características ou desejos de como gostariam de ser. Percebe-se que essa forma varia muito entre eles. Alguns são mais diretos e conscientes em suas identificações e outros são mais sutis, deixando transparecer apenas alguns pequenos traços. Pode-se comprovar que realmente as histórias são reflexos das pessoas que as escrevem em vários sentidos. A personalidade, o contexto, os desejos, as frustrações, os amores e as desavenças, todos os sentimentos que compõem o ser humano podem ser vistos nas obras literárias. Os autores compartilham através das suas criações literárias um pouco de suas histórias pessoais e também da maneira como percebem o mundo. Eles nos mostram a sua visão sobre o que há em volta de nós. Ainda contribuindo para registrar sua época e o contexto em que vivem. Para os participantes deste estudo, escrever é uma necessidade de expressar suas ideias e pensamentos. E também colocar para fora coisas sobre si que não poderiam ser ditas normalmente.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
Justificativa	4
Objetivo	4
2. METODOLOGIA	5
3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17
APÊNDICES	18

# 1. INTRODUÇÃO

O tema deste estudo aborda os escritores e a análise dos elementos da sua realidade que são incorporados no desenvolvimento das histórias que eles criam. Portanto, esta pesquisa aborda a necessidade de compreender o processo de criação do escritor. Quando uma pessoa lê a história escrita por outra pessoa desconhece as suas motivações e necessidades, mas ela se entrega à leitura de uma maneira tanto consciente quanto inconsciente.

Conforme Gancho (2006) contar histórias do cotidiano é uma prática de pessoas normais de nosso dia-a-dia. Narrar histórias é algo que o ser humano faz desde o início da sua existência.

A criação do texto literário, segundo Camargo (2012), é um processo individual e subjetivo. Neste sentido, a construção de cada obra literária vai variar de acordo com o escritor. A estrutura de uma obra literária varia muito desde sua concepção até o momento final, podendo esse processo ser compreendido pelo autor ou não.

Carvalho (1994) aponta que escrever ficção é fantasiar, inventar situações, personagens e contextos. Pode ser também um mecanismo de defesa de sublimação. Mas a autora compreende o prazer da produção literária como algo maior, que dentro da psicanálise segue uma linha contínua entre a brincadeira infantil, a fantasia e a criação literária. Escrever é organizar, o texto é um tecido desenvolvido a partir do que foi vivido e do que não foi vivido. As perdas e as conquistas, o real e o fantasioso estão inscritos neste tecido. A escrita é fruto da criatividade, pode até estar baseada na busca da resolução de perdas, mas não é a resolução de problemas mentais, pois nesse processo ocorre a estagnação e não a criação.

O crítico inglês Wood (2012) refere-se à construção da obra de ficção da seguinte forma:

[...] quando falo sobre o estilo indireto livre, na verdade estou falando sobre o ponto de vista, e quando estou falando sobre o ponto de vista, na verdade falo da percepção do detalhe, e quando falo do detalhe, na verdade estou falando sobre o personagem, e quando falo sobre o personagem, na

verdade estou falando sobre o real, que está na base das minhas indagações (p. 13).

### **Justificativa**

Assim, este estudo pretende compreender os elementos da realidade do escritor que são inseridas na trama da história e que conseqüentemente lhe dão vida. Os escritores incorporam elementos tanto pessoais como culturais em suas histórias. Neste estudo pretendemos entender quais são esses elementos, até que ponto os escritores percebem que os inserem em suas narrativas e também identificar o contexto do escritor histórica e culturalmente como um retrato de uma época. Diante das ideias expostas configurou-se o problema de pesquisa deste estudo: Quais as necessidades dos escritores no desenvolvimento das histórias?

### **Objetivo**

A partir deste problema elaboramos o objetivo geral que é analisar as necessidades dos escritores no desenvolvimento das histórias. E o objetivo específico é identificar as necessidades pessoais e culturais dos escritores no desenvolvimento das histórias.

## 2. METODOLOGIA

Este estudo tem um desenho metodológico qualitativo, observacional e transversal. Segundo Denzin e Lincoln (2006) a pesquisa qualitativa estuda o uso e a variedade de materiais empíricos que podem aparecer nas entrevistas, nas observações, na experiência pessoal, etc. Este material empírico descreve momentos e significados do dia-a-dia ou de situações diferenciadas. Estes estudos podem ocorrer em um momento específico, ou seja, transversal à realidade observada ou podem ser longitudinais, acompanhando o objeto de estudo por um tempo maior.

Os participantes do estudo foram 30 escritores que participam de grupos de discussão de autores brasileiros.

O instrumento de pesquisa foi um questionário aberto, realizado através do *google forms*. Esse questionário abordou aspectos conscientes da introdução de elementos da realidade dos autores na sua criação literária. O instrumento encontra-se no Apêndice A.

As respostas foram analisadas pela análise de conteúdo de Bardin (2011) que propõe que depois das respostas dos questionários terem sido levantados, deve-se realizar sucessivas leituras flutuantes para identificar categorias de análise.

### 3 RESULTADOS

Participaram deste estudo 30 escritores com idade média de 46,17 anos, sendo a idade mínima de 24 anos e a máxima de 62 anos. Em relação ao gênero 11 se identificaram como sendo do feminino, 18 masculinos e 1 apenas como humano.

Na questão sobre o participante ter criado um personagem querendo se identificar com ele, obtivemos 7 respostas negativas. Entretanto, os demais participantes demonstram que existe uma identificação. Eles referem que os personagens têm um pouco deles, que apresentam pedaços de algum traço da sua personalidade, ou de algum tipo de vivência, às vezes se referindo como sendo um alter ego. Como podemos observar em algumas falas:

Sim, mesmo que "não intencionalmente", isso acaba acontecendo. Todo autor deixa parte de sua "própria identidade" ou uma "característica pessoal" em algum (ou mais de um) personagem que está criando, por consequência. Sendo "pai" de suas criações, o escritor é como um pai de humanos que, ao dar vida a um filho legítimo, transfere para ele algumas de suas características.

Sim. A Amy, personagem do meu primeiro conto, se parece muito comigo, mas ao mesmo tempo faz coisas que eu gostaria de fazer e nunca fiz.

Sim. Criei Raquel, uma espécie de alter ego que tinha coragem para enfrentar certas situações. Não exatamente. Personagens (ao menos os principais de uma narrativa) são facetas da personalidade do autor.

Sim. Normalmente passo minhas dores e imperfeições para meus personagens.

Sim, tenho um personagem que é meu alter ego, e outros se assemelham a mim em detalhes: a mesma profissão, os mesmos interesses...

Algumas vezes crio personagens que tem algumas características minhas, como Maria do Céu, de "Padrão20", que tem medo de histórias de fim do Mundo. Já em outras histórias, coloco na personagem características que gostaria de ter e não tenho, como Adélia, uma das protagonistas de "aurum Domini - O ouro das Missões", que é muito valente.

Sim, acredito que todo personagem de um autor, por menor que seja sua participação na história, tem algo de seu criador. Naturalmente a maior identificação é com os protagonistas, mesmo que sejam de outro gênero. Essa também é uma das belezas de ser um autor.

Podemos entender nestas falas, de alguns participantes, que eles colocam em seus personagens mais do que apenas identificações. Transferem para eles algumas de suas características ou desejos de como gostariam de ser. Percebe-se que essa forma varia muito entre eles. Alguns são mais diretos e conscientes em suas identificações e outros são mais sutis deixando transparecer apenas alguns

pequenos traços. Como Camargo (2012) cita, a criação do texto literário é realmente um processo subjetivo, em que como percebemos cada autor segue um caminho diferente em sua escrita, podendo este ser percebido no momento de sua concepção ou durante a trajetória da obra.

Em relação a se os participantes sentem que além de obras que tenham lido ou assistido, suas inspirações vêm de seu cotidiano e memórias apenas identificamos respostas positivas. Eles demonstram que a maioria dos elementos de suas histórias são tanto de coisas e memórias que os marcaram, quanto coisas pequenas como objetos. Alguns até referem que algumas das suas inspirações se misturam entre memória e imaginação. É interessante observar que as inspirações nem sempre são conscientes, elas se manifestam no decorrer da produção, mas sempre tem alguns elementos pessoais. Gancho (2006) observa em seus estudos que o ato de contar histórias sobre aspectos do cotidiano é algo normal e típico do cotidiano dos escritores. Nas falas a seguir podemos observar alguns exemplos:

As inspirações também vêm do conhecimento adquirido e das músicas ouvidas.

Sim. Coloco minhas paixões, desejos, vontades do dia a dia em meus escritos

Sim. Já escrevi uma novela como uma resposta emocional à uma frustração que tive.

Sim. Sempre que algo me "assombra", busco escrever sobre. Coloco na minha escrita muitas críticas, observações.

Sim, é uma forma de conferir mais realidade e credibilidade ao personagem.

Sim, principalmente do meu cotidiano. Desde criança sempre fui observador de quem estava à minha volta, dos lugares nos quais vivi, das pessoas que me deram lições dentro e fora da sala de aula, das pessoas que me alegraram e das quais me decepcionaram. Principalmente das que me decepcionaram ou me feriram, para que eu não "caísse na tentação" de transferir a carga para outra pessoa.

Sim. Sempre. Aliás, eu diria que meu cotidiano e minhas memórias são fontes de inspiração mais importantes do que as obras que consumi. A começar pelos cenários das minhas narrativas: sempre se relacionam com minhas vivências reais.

Com certeza. Minhas histórias se inspiram em tudo o que vejo, observo, sinto. Elas são repletas de referências, mesmo que eu não tenha total consciência disso enquanto as crio.

Sim. Filho único criado por mãe. A maioria dos meus protagonistas são mulheres

Como todo escritor brasileiro, escrevo um pouco de tudo. O cotidiano inspira algumas obras e noutras queremos nos afastar dele. Mas com maior ou menor intensidade nossas memórias sempre vêm à tona para inspirar.



Com certeza qualquer aspecto da vida, sejam produções de qualquer mídia quanto as experiências pessoais, fornecem elementos que podem ser utilizados nas histórias. Um quadro na parede de um consultório médico já me inspirou para escrever uma história, por exemplo.

Quando os participantes foram questionados se já criaram um personagem inspirado em uma pessoa de seu convívio ou conhecido apenas três discordaram, um deles considera “que isso seria reduzir muito a criatividade e [...] como eu escrevi acima, todos os meus personagens são pedaços de mim”. Portanto, nem todos observam como sendo pessoas inteiras, mas traços delas que vão sendo somados na composição dos personagens. Como disse um participante: “Totalmente não, mas pego traços da pessoa”. Também aparecem construções interessantes destes personagens como podemos observar nas seguintes falas:

Sim. Meu pai. E um colega desonesto de trabalho que matei em uma de minhas histórias.

Uma vez. Não na pessoa, mas em um fato da sua história de vida: o nascimento.

Em parte, todas as pessoas são inspiradas em pessoas reais, algumas apenas vistas brevemente, algumas conhecidas, poucas amigas mesmo.

Que eu conhecia pessoalmente, nunca. Mas já utilizei pessoas que eu admiro, como um cantor de rock e um escritor uma vez. Já usei de inspiração o visual de uma amiga, apenas.

Vários! Principalmente personagens coadjuvantes, que dão um toque especial às tramas! Mas, o caso mais marcante de minha carreira foi a peça teatral "Paredes de Lona Sem Brilho", escrita em 1988. Seus personagens são basicamente uma família de agricultores sem-terra (mas não do MST), sem terras por circunstâncias da vida: que perderam tudo o que tinham por causa de um fazendeiro inescrupuloso que lhes passou a perna. Então, desde o personagem principal até aos coadjuvantes, todos foram inspirados em familiares meus. Todos. Até mesmo usando falas e trejeitos deles.

Sim, mas é só a ponta do iceberg, porque o personagem é uma criatura autêntica, sempre. Não consigo apenas fazer réplicas. Mesmo que fossem totalmente inspiradas em alguém que conheço, seria alguém novo, porque possuiria o meu olhar e minhas perspectivas.

Já. Sei que por melhor que seja o personagem é apenas uma faceta, uma visão nossa sobre alguém.

Portanto, os participantes demonstram diferentes entendimentos sobre o assunto, com alguns dizendo que sim por criar personagens inteiramente baseados em pessoas e outros apenas por traços que foram retirados das mesmas. Mas é interessante a ideia de um dos participantes que refere que esse uso de pessoas conhecidas seria colocar apenas a sua própria visão delas. Pois como refere o crítico inglês Wood (2012) quando ele fala sobre um ponto de vista está colocando uma percepção do detalhe na sua obra literária.

Os participantes ao serem questionados sobre já terem revisitado uma obra sua depois de um tempo e terem a sensação de ver o seu “eu” do passado e ver como eram responderam tanto de forma positiva quanto negativa. Alguns participantes retornam às suas histórias, mas não percebem alterações tanto na forma de escrita, quanto em suas personalidades. Alguns nem mesmo retornam ao que escreveram. Entretanto, alguns quando olham para suas obras depois que passa um tempo percebem que mudaram, como podemos ver nestas falas:

Meu primeiro romance, não publicado, foi feito por alguém diferente do que eu sou. De certo modo era alguém bem mais irreverente e despreocupado do que sou hoje. Infelizmente o livro seria impublicável nos dias de hoje.

Sim. Nem consigo me identificar, na verdade. Parece que foi outra pessoa quem escreveu.

Sim. Recentemente fiz a reedição de meu primeiro livro. O curioso foi perceber o embrião do que me tornei hoje.

Sim, mais como observar a evolução da técnica da escrita.

Sempre faço isso, embora não imediatamente à publicação. Este ano, em função de que estou completando 40 anos do lançamento do meu primeiro livro ("Cicatrizes", 1982), de poesia, conto e crônica, fiz a sua releitura com os olhos voltados para o autor que fui, na época com 17 anos de idade. É interessante ver como expressões e pensamentos daquela época ainda estão presentes no meu trabalho, mesmo tendo lançado outros 140 livros autorais, desde então. Mas, não releio apenas a literatura, também mexo e remexo nos textos que faço para os livros de história e principalmente os de ensaio. Alguns exigem atualização constante de dados, e é sempre uma alegria "olhar para trás" e ter oportunidade de "realinhar as velas" e seguir o percurso, que é sempre para frente!

Sim, já revisei depois de dez anos. O que percebi foi que questões que eram mais delicadas para mim se tornaram mais fáceis de lidar e consegui dirigir o olhar para mais elementos narrativos, entretanto, não mudei na essência e por isso a linha da narrativa não mudou.

Para Carvalho (2012) como escrever é organizar um texto a partir do que foi vivido e do que não foi vivido, quando o autor se distancia temporalmente de sua obra, podem ocorrer diferentes percepções. Pois se como coloca a autora as perdas e as conquistas, o real e o fantasioso estão nas obras literárias, depois de um tempo a percepção do que foi escrito também pode acabar sendo outra, tanto melhor quanto pior. Podendo gerar um possível estranhamento por parte do autor, devido às mudanças que ocorreram nele durante o tempo por causa de frustrações ou amadurecimento.

Em relação a sentir que escrever pode ser uma forma de entender melhor a sua realidade, apenas um participante teve uma resposta totalmente negativa.

Alguns dizem que essa é uma forma de lidar tanto com questões internas quanto externas, sendo esse um modo de colocar para fora ou até expô-las para o mundo. Assim eles podem refletir com mais clareza sobre coisas que não conseguiam trazer à tona.

Eu busco muito me entender por meio dos meus livros. Minha recente publicação tem a ver com minha própria aceitação como lésbica

Sim. Você tira as ideias do abstrato e consegue enxergar tudo com uma perspectiva diferente.

Não exatamente entender a minha realidade, mas torná-la pública.

Não apenas entender a realidade. Escrever ordena os pensamentos e alivia a tensão. Sim, colocar os pensamentos e as situações do lado de fora da mente, na forma escrita, ajuda a dar uma visão mais clara.

Não. Para mim, escrever é ter a oportunidade de deixar um pouco de lado a realidade e viajar por outras formas de ver e viver o mundo, ou outros mundos.

Não. No meu caso é uma fuga ou distorção da minha realidade.

Sim e não. Escrever é mais sobre colocar para fora algo que incomoda (algo externo, da realidade) do que entender melhor a realidade do país ou mundo.

Sim, me ajuda a lidar. Escrever sobre si mesmo sempre foi recomendado como uma forma de terapia... escrever ficção é uma espécie de terapia alternativa.

Escrever é praticamente uma terapia. Não somente auxilia o entendimento da realidade, como muitas vezes representa uma fuga da mesma. Isso é muito necessário diante de um mundo cada vez mais complexo e estranho como todos temos vivido.

Para alguns escrever é quase como fazer uma terapia, mas como Carvalho (1994) aponta a escrita é fruto da criatividade, pode até estar baseada na busca da resolução de perdas. Mas podemos perceber nos participantes que, como a autora refere, não é a resolução de problemas mentais. Já que isso seria uma estagnação e não um processo criativo que eles claramente demonstram ao longo de suas falas.

Em relação a escrever algo por sentir que apenas o escritor poderia falar sobre aquele determinado assunto ou contexto teve respostas negativas de 11 participantes. As demais respostas positivas podem ser compreendidas pelas seguintes descrições que remetem ao caráter subjetivo da criação literária (CAMARGO, 2012):

Sim. Mas acho que isso acontece com quase todo mundo, uma vez que cada perspectiva é única.

Sim. Meu livro A Colheita eu falei sobre os bastidores da educação pois sou professora de formação.

Só eu não, mas sobre minha ótica com certeza. Por isso comecei a escrever.

Sim. Mas porque dominava o tema. Sem a pretensão de me achar o 'único habilitado'.

Há algumas experiências absolutamente únicas. Já escrevi livro sobre algumas delas. A mais conhecida é o livro "Diários de Hollywood: Um Brasileiro no Planeta dos Macacos" (2008), no qual conto minha história como pesquisador (desde 1975) das séries de cinema e TV "O Planeta dos Macacos". A experiência "única e intransferível" que tem relação com o livro? Bom, em 1999, em Los Angeles, Califórnia, passei pela sessão de maquiagem que transformou os atores dos filmes da cine-série "O Planeta dos Macacos" (1968-1973) em símios evoluídos, usando maquiagem criada por John Chambers (ele recebeu um Oscar por sua criação, em 1969), e figurinos usados pelo ator Roddy McDowall em cena (1968, 1971, 1972 e 1973). Então, sobre isso, no Brasil, sou o único "habilitado" para falar.

Sim, frequentemente, acredito ser assim com qualquer escritor. É como se as histórias e as personagens estivessem vivas e necessitam que seus universos sejam desenvolvidos pela escrita, a fim de continuar vivendo.

Ao final das entrevistas foi questionado se os participantes teriam algo que gostariam de falar que pudesse contribuir para a pesquisa. Pode-se observar a subjetividade dos autores neste momento, destacando o que para cada um deles tem maior relevância. Neste sentido, percebe-se a importância da escrita para diferentes percepções de cada um. Assim um participante traz que "a escrita é capaz de mudar o mundo e o nosso próprio mundo". Mas percebe-se que a maioria considera a escrita como algo mais interno do que externo que pode se identificar nestas falas:

Tudo o que o escritor escreve tem eco em sua história pessoal. Às vezes no que é, outras, no que ele gostaria que sua realidade fosse. Mas sempre é um resgate.

Tão interessante quanto a identidade com um tema é o seu contrário, o estranhamento.

Acho que escrever além de ser uma ferramenta de autoconhecimento, também pode ser um exercício de empatia. De se colocar no lugar dos outros.

Escrever me ajudou a sobreviver à depressão

Escrever é vida.

Ótimas perguntas. Mas eu incluiria: porque você escreve? No meu caso: necessidade existencial.

Em uma das falas foi interessante a preocupação com o leitor, que não foi nosso objetivo, mas que apareceu da seguinte forma: "A Literatura é a única forma que temos de mergulhar na alma das pessoas, tanto do autor, quanto dos

personagens que ele cria. Mas, de forma geral, o leitor encontra, antes de mais nada, a si mesmo. O que ele lê e compreende inicialmente de um texto fala, sobretudo, dele mesmo, o leitor. É como um espelho interior”.

Como o objetivo deste estudo foi dar voz aos criadores de obras literárias vamos apresentar outras considerações que surgiram e que remetem a futuros estudos:

Os personagens são mais arquétipos do que pessoas. Eles dizem mais a respeito da natureza humana do que a respeito de indivíduos.

O escritor é a pessoa mais feliz do mundo quando encontra sua voz ou estilo literário.

Apenas te agradecer pela iniciativa da pesquisa. E pelas perguntas inteligentes e profundas. Se quiser, pode utilizar minhas respostas com identificação de "entrevistado": Saulo Adami, escritor. E, sim, gostaria de ter acesso aos resultados no final da pesquisa.

Pesquisar a criatividade alheia é uma empreitada corajosa. Você tem a minha simpatia.

Escrever o que quer, contar a história que floresceu em sua mente, sem as amarras e censuras que hoje são impostas o tempo todo, é o que faz um(a) escritor(a) feliz.

Toda ideia que alguém tiver, do fundo do coração e que envolva sentimentos, merece ser escrita para outros lerem.

Parabéns pela iniciativa, que certamente irá explorar inúmeras facetas do processo criativo de escritores.

### **3. CONCLUSÃO**

O objetivo geral deste estudo foi analisar as necessidades dos escritores no desenvolvimento de suas histórias. Pode-se comprovar que realmente as histórias são reflexos das pessoas que as escrevem em vários sentidos. A personalidade, o contexto, os desejos, as frustrações, os amores e as desavenças, todos os sentimentos que compõem o ser humano podem ser vistos nas obras literárias.

Os autores compartilham através das suas criações literárias um pouco de suas histórias pessoais e também da maneira como percebem o mundo. Eles nos mostram a sua visão sobre o que há em volta de nós. Ainda contribuindo para registrar sua época e o contexto em que vivem.

Para os participantes de nosso estudo, escrever é uma necessidade de expressar suas ideias e pensamentos. E também colocar para fora coisas sobre si que não poderiam ser ditas normalmente.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAMARGO, Joseane. Altair Martins e o processo de criação literária: um ensaio sobre a lucidez. **Letrônica**, v. 5, n. 3, p. 257-278, julho/dezembro 2012. Disponível em: <[https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/12249-Texto%20do%20artigo-51082-1-10-20130409%20\(3\).pdf](https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/12249-Texto%20do%20artigo-51082-1-10-20130409%20(3).pdf)>. Acesso em: 09 abr. 2022.

CARVALHO, Ana Cecília. O processo de criação na produção literária: um depoimento. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online], v. 14, n. 1-3, p. 4-9, 1994. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98931994000100002>>. Acesso em: 09 abr. 2022.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. et al. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15- 41.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosacnaify, 2012.

## APÊNDICES

### Questionário aberto

1. Idade
2. Gênero
3. Você já criou um personagem querendo se identificar com ele? Fique à vontade para dar um exemplo ou falar mais sobre isso.
4. Você sente que além de obras suas inspirações vêm de seu cotidiano e memórias? Fique à vontade para dar um exemplo ou falar mais sobre isso.
5. Já criou um personagem inspirado em uma pessoa de seu convívio ou conhecido? Fique à vontade para dar um exemplo ou falar mais sobre isso.
6. Já revisitou uma obra sua depois de um tempo? Teve a sensação de ver o seu “eu” do passado e ver como você era? Fique à vontade para dar um exemplo ou falar mais sobre isso.
7. Você sente que escrever pode ser uma forma de entender melhor a sua realidade? Fique à vontade para dar um exemplo ou falar mais sobre isso.
8. Você já quis escrever algo pois sentiu que só você, por ser você poderia falar sobre algo?
9. Você teria algo que gostaria de falar e que poderia contribuir para esta pesquisa.